

Bestiário brasileiro *anc p-11*

Felix de Athayde

A engenharia genética está criando seres fabulosos em laboratório, com a fusão de genes de dois ou mais animais diferentes. Jornais falam da “bovelha”, um animal com chifres de bode e pêlo de ovelha (JB, 19/8/87). Pois bem, será uma *réussite*, nunca uma novidade. Mais do que ciência, os gregos antigos tinham imaginação criadora e povoaram sua mitologia de seres fabulosos: Quimera (leão com asas), Pégaso (cavalo com asas), Unicórnio (cavalo com chifre). Centauro (homem com corpo de cavalo), Medusa (mulher com cabelos feito cobras). Tremendo bestiário, sem nenhuma inferência, faça-me o favor, leitor.

Pelo rol acima, vê-se logo que os seres fabulosos são sempre inimigos desse “bicho da terra tão pequeno” chamado homem, que sofre, chora e não voa. Ainda que bem. A sabedoria popular adverte que a formiga — a humilde, trabalhadora e diminuta formiga — quando quer se perder, cria asas.

Mas, não é de cientistas nem de gregos, muito menos do homem, que eu quero falar. Usei-os como “ganchos” para dizer que a genética política é mais criativa e mais fabulosa. Nos laboratórios de Brasília, os políticos criam terríveis figuras (jurídicas), verdadeiros monstros. É conhecida, de sobejo e de mordida, a cobra criada — um ser astuto, sinuoso, temido, deputado ou senador.

Ficou famosa a fusão, que Carlos Lacerda fez, dos “genes” de democracia e ditadura, criando a “democracia”. Agora mesmo, os políticos estão constituindo, nos laboratórios de Brasília, o “parlacialismo”, regime híbrido, misto de parlamentarismo e presidencialismo, conhecido popularmente como presidencialismo mitigado. Do adjetivo latino *mitis*: manso.

Vai por aí e eu vou por aqui: na mitologia brasileira, muitos mitos tomaram alento. Sem esforço, lembro o BNH, outro bancos, algumas imobiliárias. E os jornais noticiam que está em vias de se tornar realidade a Ferrovia Norte-Sul, mais um mito. O Sarney, ele mes-

mo, é um híbrido. É um “poesidente”, misto de poeta e presidente. Que assina, sempre, decretos de pés quebrados. Já o Ulysses, eles três, é um misto de presidente da Câmara, presidente da Constituinte e presidente do PMDB. Gagueja, mas não morde.

No Brasil é assim: nunca se sabe que bicho vai dar. As vezes, dá um bicho estranho, estranhíssimo, como a Nova República — um bicho de sete cabeças. Quem se aventura na mitologia brasileira, vai longe. Não sou exigente, vou ali e volto já. E volto puxando um bichinho híbrido, doméstico. É uma Constituinte? É um Congresso? Será o benedito? Só sei que é um bicho que morde e assopra.

Muitos mais bichos estranhos pululam neste país; neste “zoosil”. Temos a besta quadrada, que você encontra pela rua a torto e a direito. É perigosa. Expele fogo pelas ventas. Tanto fogo que queima os próprios miolos. Já os tem esturricados, pretinhos e durinhos como jabuticabas de cabra.

Bicho estranho é coisa comum no “zoosil”. Tanto que até cidadão é conhecido como bicho-homem. Às vezes, o homem é apenas bicho e mora em favela, um zoológico cultivado nos morros da cidade. Ser bicho é tão natural que, quando você cruza na rua com um cidadão, não deseja “bom dia”. Cumprimenta-o como um “oi, bicho”. E ele, em resposta, emite som gutural, quase ininteligível, “tudo bem”. Que quer dizer “podia ser pior”. Você pergunta: que bicho é o homem? Eu respondo: não sei. Só sei que os políticos, tão emplumados, são aves (vêm tudo a vôo de pássaro) e acipitrinos.

No “zoosil” tem de tudo. Tem bicho que vive na lama, como os pescadores de caranguejo do Recife, e tem o bicho-papão, produzido em gabinetes atapetados, com ar condicionado. Neste “zoosil”, tem muitas bestas e muitos bestas.

E basta. Vou ficando por aqui, senão este artigo vira apartamento do Banco do Brasil, em Brasília; atulhado de quinquilharias. Termino concordando com o leitor: no Brasil, o coletivo de cidadão é fauna.